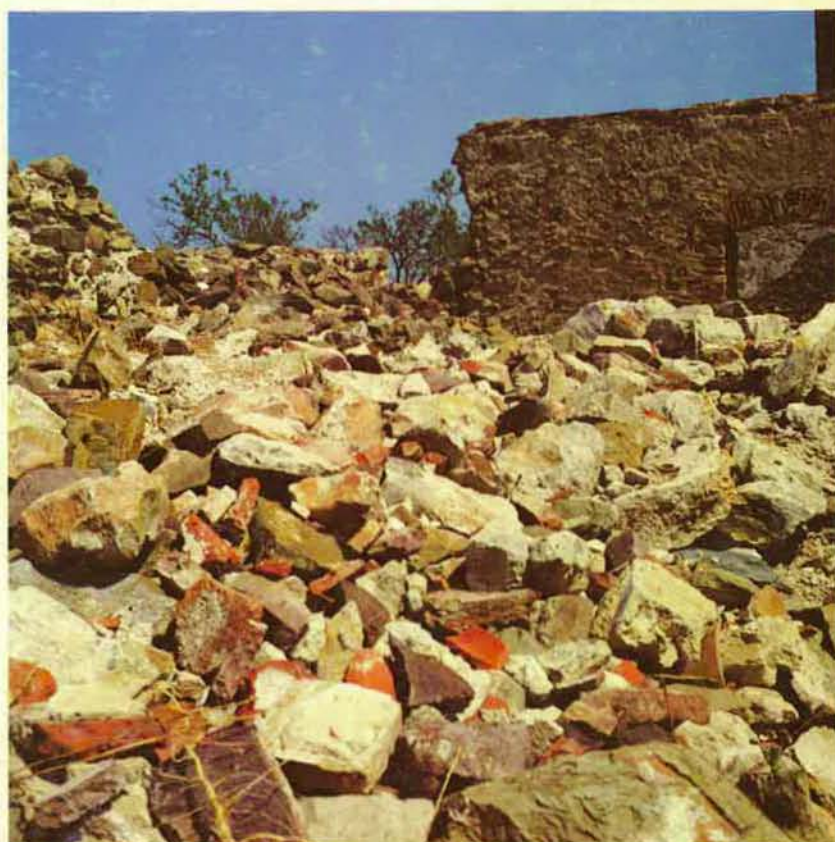


ANALISE

REVISTA DO CENTRO DE HISTÓRIA DA
UNIVERSIDADE DE LISBOA • VOL. 3 • 1981



INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Na capa:
Repensar o Património
(Castelo de Castro Marim, foto Dr. Victor Gonçalves)



**REVISTA DO CENTRO DE HISTÓRIA
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA**

VOLUME 3 — 1981

Direcção de
Francisco Salles Loureiro
João Medina
Victor Gonçalves



INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA
Centro de História da Universidade de Lisboa
LISBOA 1981



REVISTA DO CENTRO DE HISTÓRIA
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

VOLUME 3 — 1981

Direcção de
Francisco Salles Loureiro
João Medina
Victor Gonçalves

Índice

ABERTURA	7
ESTUDOS & INTERVENÇÕES	
Vale do Boto: escavações de 1981 no complexo árabe/medieval <i>Helena Catarino, Ana Margarida Arruda e Victor Gonçalves</i>	9
Os testamentos régios (séculos XII a XV), aspectos vários <i>M. Fernanda Maurício</i>	29
O processo de António Fernandes, piloto da Guiné, na inquisição de Lisboa <i>Isaías da Rosa Pereira</i>	37
O interesse por Samatra (...) <i>Luís de Albuquerque</i>	49
Tratado do cerco de Mazagão e do que nele (se) passou <i>Manuela Mendonça</i>	53
O problema do casamento do Cardeal-Rei <i>Francisco Salles Loureiro</i>	67
A Ilha da Madeira setecentista <i>M.^a de Lourdes de Freitas Ferraz</i>	83
O Zé Povinho durante a República <i>João Medina</i>	103
Acerca das eleições de 1911 <i>António Pinto Ravara</i>	127
RELATÓRIOS DE ACTIVIDADE	
Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato), Campanha I (81) <i>Victor Gonçalves, Françoise Treinen-Claustre e Ana Margarida Arruda</i>	153

Cerro do Castelo de Santa Justa (Alcoutim).
Campanha 2 (80) 165
Victor Gonçalves

Cerro do Castelo de Santa Justa (Alcoutim).
Campanha 3 (81) 171
Victor Gonçalves

VÁRIA

Arqueologia do Algarve: sinopse retrospectiva e perspectivas de mudança 177
Victor Gonçalves

Nota acerca de alguns materiais da II Idade do Ferro do complexo arqueológico dos Vidais (Marvão) 183
Ana Margarida Arruda e Helena Catarino

A Vigia (medieval) de Paio Peres Correia 189
Victor Gonçalves

Um soldado português fuzilado na Flandres 193
Aniceto Afonso e Marília Guerreiro

Lembrança de Barradas de Carvalho 201
Luís de Albuquerque

LIVROS NOVOS, LEITURAS NOVAS?

A dinâmica da Hominização 205
Victor Gonçalves

As origens recuperadas? 207
Victor Gonçalves

A cerâmica medieval no mundo mediterrânico 210
Helena Catarino e Ana Margarida Arruda

Para uma nova História Urbana 212
A. A. Marques de Almeida

NOTICIÁRIO 215

Nota acerca de alguns materiais da II Idade do Ferro do complexo arqueológico dos Vidais (Marvão)

Ana Margarida Arruda * e Helena Catarino *

1. O Centro de História da Universidade de Lisboa, através da equipa que viria a formar a Unidade de Arqueologia, levou a efeito durante os anos de 1977, 1978 e 1979 trabalhos arqueológicos no Alto Alentejo, no Concelho de Marvão. Dos trabalhos de prospeção de 1977 e 1978, dirigidos pelo Dr. Victor Gonçalves e por um de nós (A.M.A.), e directamente coadjuvados pelo então aluno do curso de História da Faculdade de Letras de Lisboa, Dr. Jorge Oliveira, resultou um levantamento de sítios arqueológicos localizados numa área bem delimitada geograficamente. Foi o conjunto desses sítios, então cartografados, que se entendeu denominar por «Complexo Arqueológico dos Vidais». Incluíam-se os abrigos calcolíticos (Gonçalves e Arruda, 1979 e 1980), o Castelo do Vidago e alguns monumentos megalíticos (Carvalho Dias e Oliveira, 1981), para além de abundantes cascalheiras paleolíticas e lagaretas medievais.

Na escassa bibliografia arqueológica sobre a região notou-se que tanto os abrigos calcolíticos como o Castelo do Vidago eram sistematicamente referenciados como se do mesmo sítio se tratasse. Muito provavelmente a proximidade dos dois locais (e sobretudo a ausência de trabalhos de campo), originou a confusão.

Tudo leva a crer que Afonso do Paço nunca visitou demoradamente os sítios, tendo trabalhado sobre materiais recolhidos pelo pastor Pedro Pena que, durante anos, violou sistematicamente ambas as estações arqueológicas (Paço, 1959). Georg e Vera Leisner apenas observaram o mesmo espólio, então já no Museu Nacional de Arqueologia e Etnografia (Leisner, Georg e Vera, 1959).

Trata-se, contudo, de dois sítios bem distintos, distando entre si cerca de duzentos metros, e que durante a II Idade do Ferro foram simultaneamente ocupados.

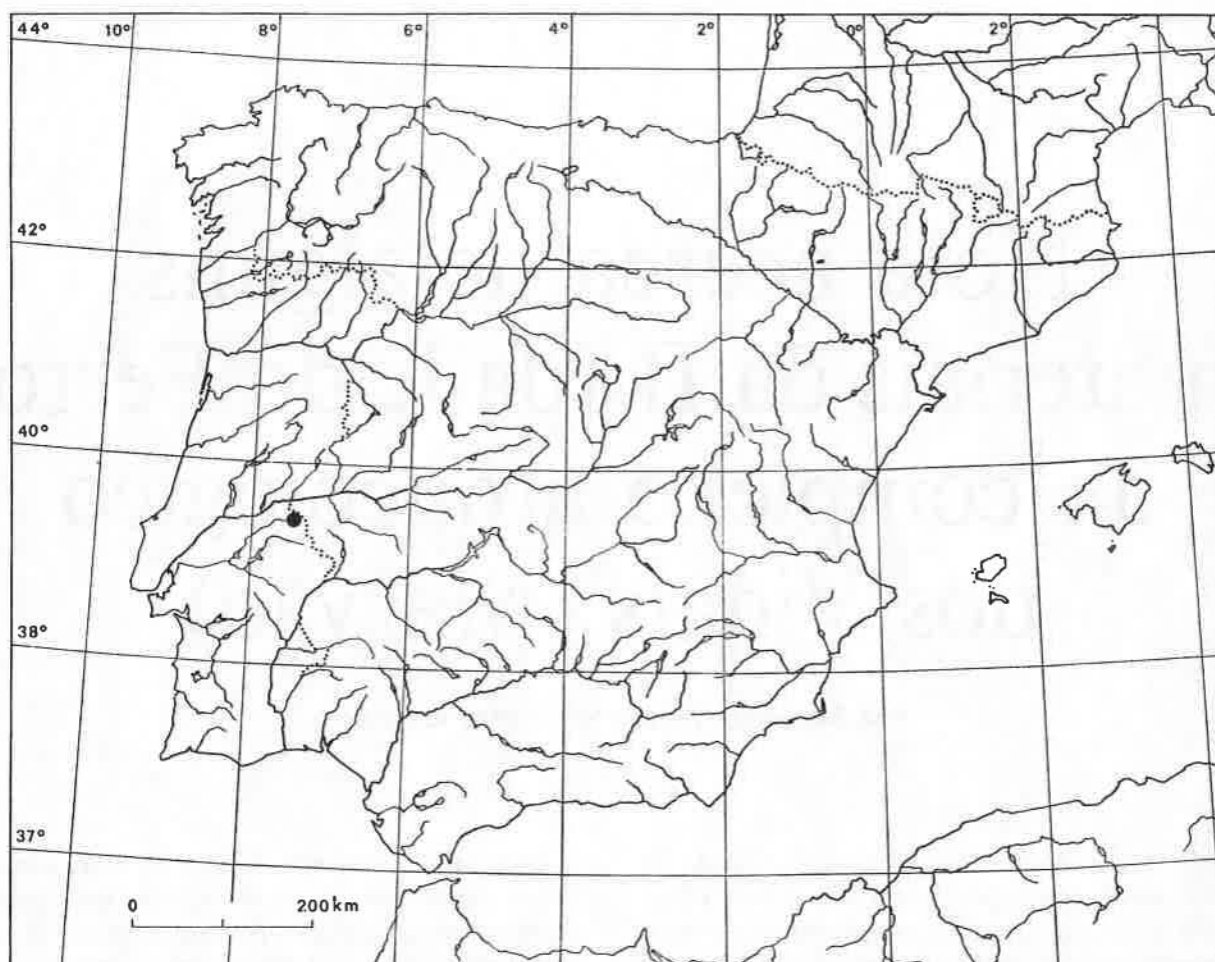
O Castelo do Vidago apresenta-se hoje em adiantado estado de destruição devido a uma erosão muito activa e às sucessivas escavações de Pedro Pena e de grupos de amadores da região, sendo visível, em quase toda a sua extensão, o solo granítico.

Publicam-se materiais cerâmicos recolhidos à superfície, não se tendo aí efectuado ainda quaisquer trabalhos de vulto.

Durante as campanhas de escavação dos abrigos calcolíticos surgiram, igualmente, materiais integráveis na chamada II Idade do Ferro.

Os sítios do complexo arqueológico dos Vidais estão situados no Alto Alentejo, Concelho de Marvão, Freguesia de Santo António das Areias, a 6 km

* Unidade de Arqueologia, Centro de História da Universidade de Lisboa (I.N.I.C.).



Mapa 1 — Localização do complexo arqueológico dos Vidais na Península Ibérica

em linha recta desta última povoação, em direcção S.W. e geologicamente são incluídos no maciço de granitos calco-alcalinos porfiróides, de grão grosseiro, quase no limite do maciço granítico, próximos da auréola de metamorfismo de contacto⁽¹⁾. São referenciados pelas seguintes coordenadas hectométricas Gauss (quadrícula militar portuguesa)⁽²⁾:

Abrigos calcólicos

X 270.4

Y 276.8

Castelo do Vidago

X 270.8

Y 277.7

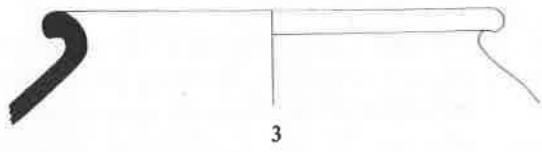
Em ambos os lugares a ocupação humana estendeu-se, pelo menos, até aos inícios do século I D.C., facto claramente comprovado pelos fragmentos de ânforas republicanas recolhidos.

(¹) Carta Geológica de Portugal.

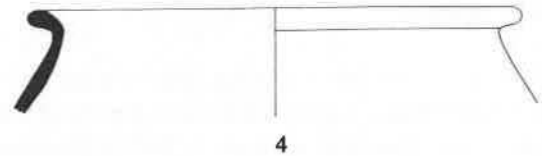
(²) Carta militar portuguesa, folha 336, 1:25.000.

2. Observadas as cerâmicas, verificou-se, quanto à técnica de fabrico, uma clara predominância das fabricadas manualmente, encontrando-se contudo presente um grupo no qual o torno foi utilizado. Estas últimas apresentam pastas bem depuradas, com escassos componentes não plásticos, de reduzidas dimensões, superfícies acusando bom tratamento, alisadas, de cor negra ou cinzenta escura e, por vezes, com aplicação de engobe. Nas fabricadas manualmente, constatou-se a presença de pastas grosseiras, com abundantes componentes não plásticos de médias dimensões (superiores a 1 mm), superfícies sem polimento e de cor cinzenta ou alaranjada. De todos os fragmentos cerâmicos apenas quatro apresentam decoração, dois pintada (bandas), um incisa e um outro uma decoração circular, obtida através de uma matriz, provavelmente de tecido, que rodou no barro ainda húmido.

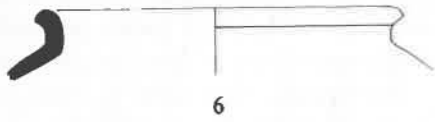
Todos os fragmentos decorados incluem-se no grupo de cerâmicas fabricadas a torno, sendo no entanto os pintados aqueles cujo tratamento global foi mais cuidado.



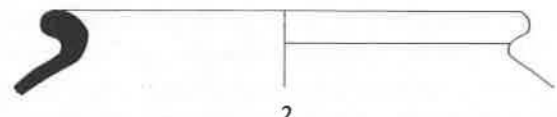
3



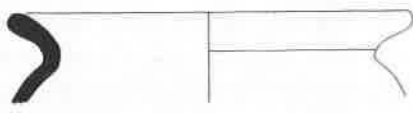
4



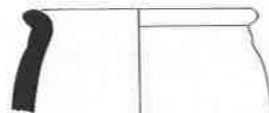
6



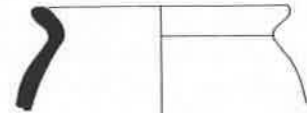
2



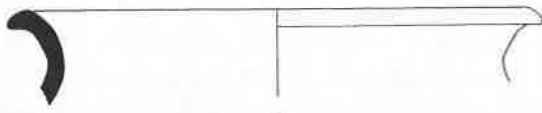
1



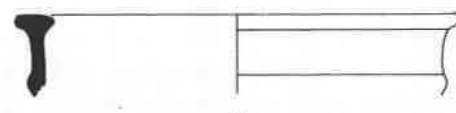
8



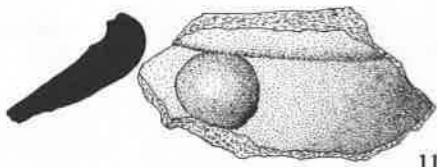
9



5



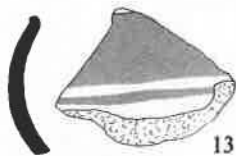
7



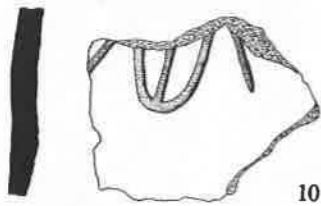
11



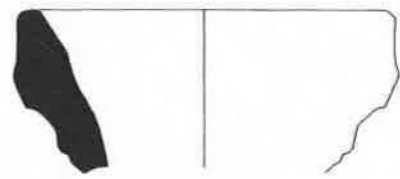
18



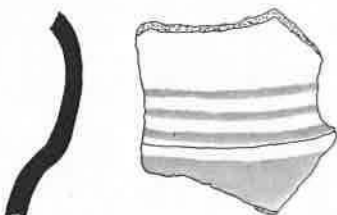
13



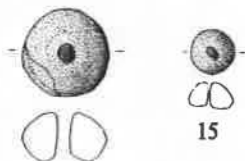
10



17



12



14



15



16

No que se refere às formas, identificaram-se sobretudo potes de bordo extrovertido e lábio convexo e taças de bordo espessado interna e externamente e lábio aplanado.

3. Caetano de Mello Beirão, Mário Varela Gomes e Jorge Pinho Monteiro definem em 1980 uma «civilização» que teria ocupado o Sul de Portugal, de meados do século III a finais do século II A.C. e a que chamaram II Idade do Ferro. Tal civilização basear-se-ia, fundamentalmente, em elementos de feição continental, nomeadamente relacionados com a chamada Cultura dos Castros da Meseta, em oposição a outra, imediatamente anterior, a I Idade do Ferro, na qual os contactos com o mundo oriental através do Mar Mediterrâneo tinham representado um papel fundamental.

É nesta II Idade do Ferro que integramos o conjunto de materiais agora estudados e para que se encontram paralelos nos estratos C e D de Veiros (Arnaud, 1969) e na Pedra da Atalaia (Tavares da Silva, 1978).

Os potes com perfis extrovertidos, as cerâmicas com decorações incisa e pintada em bandas, a coexistência de cerâmicas de fabrico manual e a torno, são elementos presentes tanto nos Vidais como na Pedra da Atalaia e Veiros.

Notámos, contudo, a ausência da decoração estampilhada que habitualmente se encontra associada

a esses elementos, fazendo parte dos conjuntos citados. No entanto, não é improvável que ela venha a ser recolhida em futuras escavações.

As datações propostas para os estratos C e D de Veiros e para ocupação da Idade do Ferro da Pedra da Atalaia (meados do século III — século II A.C.) parecem-nos igualmente ser a cronologia para este conjunto.

A ocupação humana viria, aliás, a prolongar-se, por todo o século I A.C. e inícios do século I D.C. Assim o comprovam os três fragmentos de ânforas republicanas recolhidos (Lamboglia, 1955). A mais antiga (VDS/17), parece tratar-se de uma Dressel 20 bastante semelhante aos exemplares de Veiros B (Arnaud, 1969) e pode situar-se cronologicamente cerca de 70-50 A.C. O exemplar VDS/16 com uma cronologia um pouco mais avançada, c. 50-30 A.C., tem bons paralelos no Pedrão (Soares e Tavares da Silva, 1972) e no acampamento republicano de Arganil (escavações inéditas de João de Castro Nunes). Quanto a VDS/18, uma Dressel 7-11, pode o início da sua utilização colocar-se em c. 30 A.C., prolongando-se o seu uso pelo século I D.C., e está presente em Conímbriga com alguma abundância (Alarcão, 1976) (*).

(*) Agradecemos ao Dr. Carlos Tavares da Silva a ajuda prestada na classificação das ânforas.

Catálogo

VDS-1 — Fragmento de bordo de pote. Bordo extrovertido e convexo. Fabrico manual. Superfícies: cinzento (Munsell 2.5YR 5/0). Pasta pouco compacta com abundantes componentes não plásticos (quartzo e mica) de dimensões superiores a 1 mm. Cor da pasta: cinzento (Munsell 5YR 5/0). Diâmetro externo do bordo: 164 mm; espessura do bordo: 8 mm.

VDS-2 — Fragmento de bordo de pote. Bordo extrovertido e convexo. Fabrico manual. Superfícies alisadas. Cor das superfícies: castanho (Munsell 2.5YR 5/4). Pasta semi-compacta com abundantes componentes não plásticos (quartzo e mica) de dimensões inferiores a 1 mm. Cor da pasta: cinzento acastanhado (Munsell 2.5YR 5/5). Diâmetro externo do bordo: 197 mm; espessura do bordo: 7 mm.

VDS-3 — Fragmento de bordo de pote. Bordo extrovertido e convexo. Fabrico a torno. Superfícies acusando bom tratamento com aplicação de engobe na superfície externa. Cor da superfície externa: cinzento muito escuro (Munsell 7.5YR 3/1); cor da superfície interna: cinzento claro (Munsell 10YR 6/2). Pasta compacta, bem depurada, com escassos componentes não plásticos (quartzo e mica) de dimensões inferiores a 0,5 mm. Cor da pasta: cinzento escuro (Munsell 7.5YR 5/1). Diâmetro externo do bordo: 187 mm; espessura do bordo: 7 mm.

VDS-4 — Fragmento de bordo de pote. Bordo extrovertido e convexo. Fabrico indeterminado. Superfícies alisadas. Cor das superfícies: cinzento escuro (Munsell 5YR 2.5/1). Pasta semi-compacta com abundantes componentes não plásticos de dimensões inferiores a 1 mm. Cor da pasta: cinzento (Munsell 7.5YR 4/4). Diâmetro externo do bordo: 200 mm; espessura do bordo: 7 mm.

VDS-5 — Fragmento de bordo de pote. Bordo extrovertido e aplanado. Fabrico a torno. Superfícies alisadas

sem polimento. Cor das superfícies: castanho claro (Munsell 7.5YR 7/4). Pasta semi-compacta com abundantes componentes não plásticos (quartzo e mica) de dimensões superiores a 1 mm. Cor da pasta: cinzento (Munsell 5YR 6/1). Diâmetro externo do bordo: 217 mm; espessura do bordo: 11 mm.

VDS-6 — Fragmento de bordo de pote. Bordo extrovertido e convexo. Fabrico indeterminado. Superfícies alisadas sem polimento. Cor das superfícies: alaranjado (Munsell 5YR 6/8). Pasta pouco compacta com abundantes componentes não plásticos (quartzo e mica) de dimensões inferiores a 1 mm. Cor da pasta: alaranjado (Munsell 5YR 6/6). Diâmetro externo do bordo: 150 mm; espessura do bordo: 10 mm.

VDS-7 — Fragmento de taça carenada. Bordo espessado externa e internamente e aplanado. Fabrico a torno. Superfícies alisadas sem polimento. Cor das superfícies: cinzento escuro (10YR 4/1). Pasta compacta com abundantes componentes não plásticos (quartzo e mica) de dimensões inferiores a 0,5 mm. Cor da pasta: cinzento escuro (Munsell 10YR 5/1). Diâmetro externo do bordo: 100 mm; espessura das paredes: 6 mm; espessura do bordo: 16 mm.

VDS-8 — Fragmento de bordo de pote de pequenas dimensões. Bordo extrovertido e convexo. Fabrico manual. Superfícies alisadas. Cor das superfícies: cinzento (Munsell 2.5YR 3/0). Pasta pouco compacta com abundantes componentes não plásticos (quartzo e mica) de dimensões inferiores a 1 mm. Cor da pasta: cinzento (Munsell 2.5YR 3/0). Diâmetro externo do bordo: 95 mm; espessura do bordo: 8 mm.

VDS-9 — Fragmento de bordo de pote de pequenas dimensões. Bordo extrovertido e aplanado. Fabrico manual. Superfícies alisadas e apresentando aguada. Cor das superfícies: cinzento escuro (Munsell 5YR 3/1). Pasta

semi-compacta com abundantes componentes não plásticos (quartzo e mica) de dimensões inferiores a 0,5 mm. Cor da pasta: preto (5YR 2.5/1). Diâmetro externo do bordo: 105 mm; espessura do bordo: 7 mm.

VDS-10 — Fragmento de bojo com decoração incisa. Fabrico a torno. Superfícies alisadas. Cor das superfícies: castanho alaranjado (Munsell 2.5YR 5/6). Pasta semi-compacta com abundantes componentes não plásticos (quartzo e mica) de dimensões inferiores a 1 mm. Cor da pasta: castanho alaranjado (Munsell 2.5YR 5/8). Espessura do bojo: 11 mm.

VDS-11 — Fragmento de bojo com decoração impressa e obtida por uma matriz provavelmente de tecido que rodou no barro ainda húmido. Fabrico a torno. Superfície externa alisada com aplicação de aguada. Cor da superfície externa: castanho claro (Munsell 5YR 6/4). Pasta pouco compacta com abundantes componentes não plásticos (quartzo e mica) de dimensões superiores a 1 mm. Cor da pasta: castanho (Munsell 5YR 5/3).

VDS-12 — Fragmento de bojo, pertencente provavelmente a um pote, decorado na superfície externa por bandas pintadas a vermelho. Cor das bandas: vermelho (Munsell 10R 3/6). Fabrico a torno. Superfícies acusando bom tratamento. Superfície externa com aplicação de engobe castanho. Cor da superfície externa: castanho claro (Munsell 5YR 6/4); cor da superfície interna: castanho: (Munsell 10YR 5/3). Pasta compacta, bem depurada, com escassos componentes não plásticos de dimensões inferiores a 0,5 mm. Cor da pasta: cinzento (7.5YR 5/0). Espessura do bojo: 6 mm.

VDS-13 — Fragmento de bojo, pertencente provavelmente a uma taça de forma esferoidal, decorado na superfície externa por bandas pintadas a vermelho. Cor das bandas: vermelho (Munsell 10R 3/6). Fabrico a torno. Superfícies acusando bom tratamento. Superfície externa com aplicação de engobe castanho. Cor da superfície externa: castanho alaranjado (Munsell 5YR 6/6); cor da superfície interna: castanho claro (Munsell 7.5YR 7/6). Pasta compacta, bem depurada, com escassos componentes não plásticos de dimensões inferiores a 0,5 mm. Cor da pasta: cinzento (Munsell 7.5YR 4/0). Espessura do bojo 4 mm.

VDS-14 — Cossoiro bicónico de superfícies alisadas. Cor das superfícies: castanho acinzentado (Munsell 7.5YR 2/6). Pasta compacta com escassos componentes não plásticos de dimensões inferiores a 0,5 mm. Diâmetro máximo: 36 mm; diâmetro da perfuração: 7 mm; espessura máxima: 20 mm.

VDS-15 — Conta troncocónica de cerâmica. Superfícies alisadas. Cor das superfícies: cinzento acastanhado (Munsell 7.5YR 2/6). Pasta pouco compacta com escassos componentes não plásticos de dimensões inferiores a 0,5 mm. Diâmetro máximo: 18 mm; diâmetro da perfuração: 2 mm; espessura: 10 mm.

VDS-16 — Bordo de ânfora republicana. Bordo convexo e extrovertido. *Bourrrelet* abaixo do bordo. Superfícies alisadas com aplicação de engobe. Cor das superfícies: amarelo (cor de areia) (Munsell 10YR 8/4). Pasta muito

compacta com abundantes componentes não plásticos de dimensões inferiores a 0,5 mm. Cor da pasta: alaranjado (Munsell 5YR 7/6). Diâmetro externo do bordo: 190 mm; espessura do bordo: 23 mm.

VDS-17 — Bordo de ânfora Dressel 20. Bordo aplanado. Superfícies granuladas. Cor das superfícies: cinzento (Munsell 10YR 5/3). Pasta compacta com abundantes componentes não plásticos de dimensões inferiores a 0,5 mm. Cor da pasta: cinzento (Munsell 10YR 6/3). Diâmetro externo do bordo: 150 mm; espessura do bordo: 10 mm.

VDS-18 — Bordo de ânfora Dressel 7-11. Bordo extrovertido e aplanado, lábio descaído e vertical. Superfícies alisadas. Cor das superfícies: branco sujo (Munsell 10YR 8/2). Pasta muito compacta com raros componentes não plásticos de dimensões inferiores a 0,5 mm. Cor da pasta: branco (Munsell 2.5YR 8/0). Diâmetro externo do bordo: 110 mm; espessura do bordo: 10 mm.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, JORGE (1976) — *Les amphores, Fouilles de Conimbriga VI*, Ceramiques divers et verres, Paris, pp. 79-91.
- ARNAUD, JOSÉ (1969) — *O Castelo Velho de Veiros (Estremoz). Campanha preliminar de escavações de 1969*, Actas das I Jornadas Arqueológicas, Vol. II, Lisboa, pp. 309-328.
- ARRUDA, ANA MARGARIDA; GONÇALVES, VICTOR (1980) — *A ocupação calcolítica das Lapas dos Vidais*, Comunicação apresentada ao IV Congresso Nacional de Arqueologia.
- BEIRÃO, CAETANO DE MELLO; VARELA GOMES, MÁRIO; MONTEIRO, JORGE PINHO (1980) — *As estelas epigrafadas da I Idade do Ferro do Sul de Portugal*, Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, Setúbal.
- CARVALHO DIAS, ANA; OLIVEIRA, JORGE (1981) — *Monumentos megalíticos do Concelho de Marvão*, Assembleia Distrital de Portalegre, Portalegre.
- GONÇALVES, VICTOR; ARRUDA, ANA MARGARIDA (1979) — *As lapas dos Vidais (Marvão) — Primeira campanha de escavações*, Actas da I Mesa Redonda sobre Pré e Proto-história do Sudoeste Peninsular, no prelo.
- LAMBOGLIA, N. (1955) — *Sulla cronologia delle amphore di età repubblicana (II-I secolo)*, Revista di Studi Liguri, XXI, pp. 241-270.
- LEISNER, GEORG e VERA (1959) — *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*, Berlin, pp. 25.
- PAÇO, AFONSO (1959) — *Carta Arqueológica do Concelho de Marvão*.
- SOARES, JOAQUINA; TAVARES DA SILVA, CARLOS (1972) — *Ocupação do período Proto-Romano do povoado do Pedrão (Setúbal)*, Actas das II Jornadas Arqueológicas, Vol. I, Lisboa, pp. 245-306.
- TAVARES DA SILVA, CARLOS (1978) — *A ocupação da II Idade do Ferro da Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém)*, Setúbal Arqueológica, Vol. IV, Setúbal, pp. 117-132.